

JULIO PLAZA

DEDALUS - Acervo - MAC

791.45  
P721v



21500002509

**VIDEOGRAFIA  
EM VIDEOTEXTO**

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA - USP  
BIBLIOTECA  
LOURIVAL GOMES MACHADO

1887  
EDITORA HUCITEC  
São Paulo, 1986

*A TÍTULO DE CONCLUSÃO*

*O Videotexto é um colírio para os olhos*

Tecnologias justapõem-se a tecnologias. Com o Videotexto, como o mais novo veículo da linguagem, podem ser entretecidas algumas considerações a respeito deste novo meio em relação a seus congêneres da indústria cultural de massa, a partir do ponto de vista da videografia em Videotexto.

A aliança dos meios audiovisuais, das telecomunicações e da informática, opera novas possibilidades de expressão. A evolução tecnológica é muito mais rápida do que a nossa capacidade de assimilar e de utilizar esses novos meios.

Criado originariamente para editar e veicular informação, o Videotexto se configura como um sistema *intermídia*, capaz de interferir e remodelar a atuação dos outros meios já existentes, desarticulando o ambiente instituído, pois ele é um antiambiente. O Videotexto tende a transformar de uma forma radical a tradicional distribuição de informações pela imprensa escrita, falada e televisiva, colocando estas mesmas informações com eficiência e instantaneidade ainda maior em terminais domésticos de vídeo.

A edição em mídias eletrônicas como o Videotexto, destinada a grandes e diferenciados públicos, provoca mudança e confusão nas condições de recepção e produção de informação.

A imprensa, graças a seus caracteres móveis e à sua grande velocidade de impressão, assegura uma grande dispersão do saber, pois o saber impresso atinge camadas de população cada vez mais diversificadas. O velho sonho do saber universal e a indústria do conhecimento, exemplificada pelas grandes enciclopédias distribuídas por todo o planeta, parece se concretizar com o acesso instantâneo às informações produzidas pela telemática. A intrusão da eletrônica e a substituição da cultura do papel pelas telas eletrônicas de vídeo, a substituição dos processos de impressão mecânicos, colocam problemas relativos a todos os elementos participantes do sistema eletrônico do Videotexto e também aos que estão fora dele.

A exposição prolongada às telas de vídeo (bombardeadas por elétrons), a assimilação rápida das informações e a velocidade olho-cérebro desenvolvida pelo ser humano, a influência na vida profissional e pessoal, enfim, as mudanças de percepção acarretadas pela nova tecnologia são alguns dos impactos e mudanças que esta nova tecnologia produz sobre o nosso comportamento. E linguagem, pois o *interface* dos meios eletrônicos com o usuário constitui um elo decisivo nesta cadeia. A rejeição ou aceitação dependerão, em grande parte, das formas como as mensagens serão finalmente percebidas nesse contato.

Ao extrair as conclusões necessárias deste trabalho, é quase impossível não se referir ao pensamento mcluhaniano, no que diz respeito à sua reflexão sobre os meios na era eletrônica. Este pensamento está tão interiorizado na nossa cultura que qualquer semelhança do aqui exposto com esse pensamento não é mera coincidência, é proposital.

Embora concentrando a nossa pesquisa sobre os aspectos das linguagens V-Ideográficas eletrônicas do Videotexto, não deixaremos de ressaltar outros aspectos que, a nosso ver, se constituem no dado realmente novo deste meio de comunicação.

A síntese intermídia produz o dado inusitado: dois são os aspectos ou *interfaces* que caracterizam o Videotexto em relação aos usuários e sobre os quais concluiremos nosso trabalho. Embora o primeiro deles não tenha sido tratado na

sua importância relativa, será no futuro o aspecto sobre o qual as pesquisas se concentrarão, sobretudo com uma distância e uma perspectiva maior, que nós ainda não temos.

Os aspectos são:

1. O Videotexto é o primeiro veículo dialógico, pois estabelece uma relação democrática no sistema: editor-usuário e ainda usuário-usuário, presidida pelo diálogo.

A V-Ideografia eletrônica, como recuperação contemporânea do signo pictográfico pré-histórico desvia a ênfase óptica-projetiva-fotográfica, para a imagem projetiva mental esquemática. Assim, o visual retiniano é deslocado pelo visual ideográfico.

2. Contudo, o hibridismo do Videotexto prenuncia a sua forte característica marcante, que se manifesta na conformação das linguagens que acolhe, obrigando-as a uma redefinição para exibição no seu espaço concreto. Assim, o Videotexto cria um *interface* com o leitor que o obriga a um pensamento redutivo-esquemático e a uma percepção rápida e espontânea.

O Videotexto, diferentemente de todos os meios de comunicação de massas, é interativo, pois nasce de um meio interpessoal: o telefone. Já os outros meios são fortemente centralizados da informação. Com este caráter de interatividade, o Videotexto caracteriza-se como um veículo dialógico, já que rompe com a unidirecionalidade no mundo da comunicação, o que parece significar o princípio do fim da socieda-

de de massas (tomada a palavra no sentido de comunicação mediada através de sistemas de transmissão unidirecionais de comunicação), na medida mesma em que o usuário pode interferir e criar informação, tornando-se virtualmente um editor.

O Videotexto caracteriza-se, assim, por ser um veículo democrático, pois a bidirecionalidade permite a expressão e a devolução da informação, rompendo o princípio de causalidade, unidirecionalidade e autoritarismo característico dos meios de comunicação de massas. Com o Videotexto, não dá para “conscientizar” as massas.

O Videotexto oferece, assim, a possibilidade de participação na vida social e comunitária dos indivíduos, dando um passo à frente no processo de democratização da informação.

Essa tendência já se vinha perfilando a partir da década de 60, com a socialização dos meios de repro- e produção dos sistemas reprográficos (offset, xerox, entre outros) que facilitavam, já na época, a possibilidade de copiar edições inteiras, colocando em xeque as noções de direito autoral e, sobretudo, do *copyright*. Por outro lado, estes mesmos processos viabilizaram milhares de “edições de autor” e de revistas alternativas na década de 70.

Essa democratização ou socialização dos meios de repro- e produção nos fornece o potencial necessário para a formação de editorias eletrônicas a baixo custo (se comparado com o jornal, por exemplo) de produção, editoria de

pequenos grupos ou de usuários, baseados nos princípios de afinidade espontânea e informacional, ao mesmo tempo em que implica a consciência do usuário na hora de escolher e interagir nas informações.

Estabelece-se aqui um princípio de economia, pois ninguém é obrigado a pagar pelo que não pediu. Esta consciência do usuário cresce proporcionalmente ao seu engajamento na interatividade com o meio. O Videotexto, caracteriza-se, assim, por ser um meio não de massas, mas de públicos e grupos de indivíduos conscientes da informação que procuram.

Partindo da premissa de que o Videotexto admite qualquer tipo de informação, diversas possibilidades de uso e diversas finalidades podem ser atingidas, como são a programação de cursos, revistas eletrônicas, jornais, plebiscitos, entre outros, que permitem estabelecer circuitos internos e mesmo grupos fechados de usuários com códigos de acesso apropriados. A animação cultural e a conseqüente descentralização de informação são assim possíveis.

O seu desempenho no campo didático parece ser um dos seus pontos fortes, oferecendo condições através das linguagens escrita e visual (não como ilustração das aulas verbais ou “ajudas audiovisuais”, mas como interação), desverbalizando aulas, tornando-as mais participativas e interessantes, sem se falar nas possibilidades que permitem a recuperação imediata (*on-line*) de toda e qualquer informação programável.

Como ela não está ligada a objetos, “a informação, diz o prof. Nora, é um bem econômico e cultural único e revolucionário”. Ela não se destrói, quando consumida, ela transforma qualitativamente o homem e seu padrão de vida. Já o poeta Stephane Mallarmé achava que “o mundo existe para acabar num livro”. “Hoje estamos em posição de ir além, transferindo todo o espetáculo para a memória de um computador.” E a Dow Jones (nos Estados Unidos) trabalha na transcrição dos 21 volumes da *Academic American Encyclopaedia* para o Videotexto.

O Videotexto, ao mesmo tempo em que reorganiza todas as ferramentas (*hardware*) anteriores em sistema, reorganiza também a informação e os modos de manipulação, percepção e estocagem dessa informação, quanto a objetos (livros, jornais, etc.) e também quanto às suas relações espaciais e energéticas.

Hoje é possível organizar, produzir e veicular informações de forma descentralizada a partir de qualquer ponto, isto é, a partir de um escritório doméstico, dispensando custos energéticos adicionais (como deslocamento de pessoas e coisas, estocagem e arquivo de informações-objetos) próprios das atividades industriais, racionalizando e economizando energia e espaço.

Agora, com o Videotexto, o usuário pode dispor de toda uma banca de jornal ou mesmo biblioteca no seu escritório, sem ocupar espaço e com o conforto de fazer aparecer no vídeo de seu televisor a informação que deseja.

Como meio “frio” que é, o Videotexto obriga a

participação do usuário e estabelece um compromisso equilibrado entre jornal e livro tradicionais, pois, se o livro induz ao “ponto de vista individual”, o jornal, pela sua justaposição mosaica de eventos, tende ao comunitário e social. O Videotexto, como veículo dialógico, tende à criação dessa consciência participativa, pois é o produto do aumento da velocidade de informação que cria envolvimento e a descentralização das decisões. McLuhan já observou que processos mais rápidos de informação tendem a criar a tendência política do afastamento da delegação e representação de poderes, processos mais lentos de informação tendem a criar a representação e delegação. E para Norbert Wiener: “a informação é mais questão de processo e não de acumulação”.

O engraçado da história é que a História (e a Pré-História) parecem se reproduzir através do Videotexto, porque os novos contextos absorvem e definem os contextos anteriores como conteúdo, artistificando-os. Os signos pensam.

O operador de VDT tem a mesma dificuldade que o homem neolítico, quando este tratava de adequar e traduzir um desenho analógico em forma orgânica para a malha geometrizada de cestaria, adequando o desenho “vitalista” em esquema abstrato, renunciando assim o ornamento e a fonte das posteriores escritas.

Se o Videotexto incorpora a história, também faz uma seleção dela, dando-lhe um sentido. O meio irrompe no mundo da comunicação onde predomina o signo fotográfico-verossímil, o

mundo da fotografia-coisa-das-coisas, colocando em seu lugar uma linguagem pictogrâmica e que, por isso mesmo, apela para a codificação analógica. Ele troca o mundo perceptivo óptico visual pela percepção ideográfico-mental. Ao deslocar o interesse da “imagem óptico retiniana” (ideográfica) pelas imagens mentais analógicas, o Videotexto desloca o mundo das coisas para o mundo de signos abstratos e esquemáticos. Se a fotografia “transforma as pessoas em coisas”, as relações em objetos, a videografia eletrônica coloca em campo as escritas pictográficas e ideográficas “que representam uma extensão do sentido visual de armazenar e facilitar o acesso à experiência humana”. O seu efeito é integrativo e inclusivo e não desagregador como quer a escrita de tradução fonética. Entretanto, como os dois signos transam o Videotexto (o verbal-escrito e o visual), o efeito é de complementação.

O Videotexto confirma que a escrita e desenho possuem a mesma substância gráfica. O espaço do Videotexto não é um espaço de projeção ao modo do cinema, mas um espaço que projeta o signo mental oriental. Um espaço que não é neutro, mas radiante de energia. Nesse espaço, cada ponto-luz é um sol, uma luz-atraves (com no multi-espaço do vitral medieval) que converge para a síntese da história da pintura e da ideografia orientais como culturas e criações intensamente organizadas e condensadas.

O novo sistema impõe uma sensibilidade outra, ao mesmo tempo em que socializa a visuali-

dade ideográfica em contraposição à fotográfica. No silêncio da tela, as imagens, palavras, cores, fluem com a mais absoluta calma e serenidade, exigindo a concentração necessária do usuário que dispõe do livro eletrônico.

Escrita e imagem se absorvem e iconizam, criando ritmos espaço-temporais silenciosos e próprios, ao mesmo tempo em que pela repetição do padrão ponto-luz, cria o efeito sinestésico do tatear, andar e apalpar: o espaço e o tempo como que escorregando entre os dedos. O Videotexto é visual-ideográfico, basicamente tátil. Ele tende ao visual na medida em que abandona o fonético-digital e instaura o visual inclusivo ideográfico-gestáltico, pois o ideograma, no dizer de McLuhan, é uma gestalt que não dissocia analiticamente os sentidos como o faz a escrita fonética. O artista gráfico-eletrônico só pode emprestar valores táteis às impressões retinianas, reafirmando seu compromisso com a cultura visual-sensorial, “pois a tatilidade abrange todos os sentidos como o branco incorpora todas as cores”.

Graficar mensagens no Videotexto é estender a consciência, é criar um contexto que seja consciente, porque insere um anti-ambiente dentro dos contextos anteriores já instituídos, desautomatizando, por isso mesmo, a percepção. O Videotexto nada tem a ver com a TV, quadrinhos e outros, ele tem a sua especificidade.

Programar o Videotexto representa dialogar em ritmo “intervisual”, “intertextual” e “inter-

sensorial” com os vários códigos da informação, e é nos intervalos entre esses códigos que se instaura uma fronteira fluida entre a informação e pictoricidade ideográfica, uma margem de criação. É nesses intervalos que o meio adquire a sua real dimensão, a sua qualidade, pois que cada mensagem (como cada tecnologia) engole canibalisticamente as anteriores, já que todas estão formadas pela mesma energia.

O meio conforma e confirma a mensagem, faz parte da sua verdade e cria um novo *interface* entre o homem e artifício, contato entre o canal visual (olho) e canal técnico (terminal), de caráter simultâneo e analógico. Cria também as condições para a percepção rápida das linguagens acolhidas. Estimula o pensamento abstrato esquemático, espontâneo e concreto-qualitativo.

O Videotexto, ao conformar as linguagens escritas e visuais, obriga-as à adequação às novas possibilidades videográficas, transforma essas linguagens, por operações tradutoras de adequação, em mensagens esquemáticas e abstratas, onde a concisão epigrâmica, a simplicidade máxima em tensão com a mínima, o estilo curto e telegráfico e do humor, devem primar sobre o discursivo e o afogamento dos sinais em grafismos gratuitos, pois processos cerebrais reconstroem a velocidades eletrônicas essas mensagens.

A conformação (formatação) da linguagem ao Videotexto, da mesma forma que a automação da sintaxe no novo meio, que permite mecanizar todos os sistemas de escritas universais, coloca,

por isso mesmo, na ordem do dia, muitos dos programas das vanguardas do começo do século XX, no que diz respeito a programas estéticos que privilegiam a expressão universal e não a particular (individual), através de uma estética de programa em harmonia com o mundo industrial (leia-se: construtivismo, neoplasticismo, o *ready-made* dadaísta e o concretismo, entre outros). O Videotexto privilegia, assim, pelo esquematismo das linguagens, o caráter coletivo e universal dessas mesmas linguagens, não havendo lugar para a expressão universal”, diria Mondrian, “somente pode ser criada por uma verdadeira equação do universal e do individual”.

Isto porque as condições produtivas não pertencem mais às atividades primárias artesanais, nem às secundárias industriais, mas às atividades eletro-eletrônicas de caráter inclusivo e instantâneo. A tecnologia eletrônica, orientalmente superposta à paisagem exterior (*landscape*), cria em nós uma paisagem interior ou *inscape* que também irradia energia-luz, criando seus próprios espaços-ritmos e alterando a nossa percepção. A luz como informação sem conteúdo nos ilumina e recria, *inscape* e *landscape* (o interior subjetivo e o exterior ambiente) integrados, pois o circuito elétrico é a extensão de nosso sistema nervoso central incluído o cérebro.

Afinal, com a ajuda da sensibilidade perscrutadora e as “antenas” que permitem ver, nas condições do novo contexto, as formas-sondas



das novas linguagens, o homem eletrônico-neolítico deverá transar com seu "cursor", como "pincel eletrônico", a sua incrível cestaria e vestido informacional no *interface* de seu sistema nervoso central com o Videotexto.